

Kevin J. Vanhoozer

# teologia primeira

*Deus, Escritura e hermenêutica*



SHEDD  
PUBLICAÇÕES

“Trabalhando sob a premissa da ‘Teologia Primeira’ de que nossa doutrina de Deus não pode ser divorciada de nosso entendimento de Escritura, Kevin Vanhoozer reúne aquilo que o modernismo e o pós-modernismo (sem mencionar alguns evangélicos) têm separado, ou seja, a imaginação e a crítica histórico-textual, a atuação comunicativa de Deus e nossa resposta missional, a Bíblia que é a Palavra de Deus e a Bíblia que se torna a Palavra de Deus. Ele faz isso enquanto interage graciosamente com uma grande variedade de teólogos, filósofos e teóricos da comunicação. Como resultado, Kevin resgata a Bíblia de abordagens reducionistas que diminuem o ato comunicativo poderoso e salvador do Senhor vivo e amoroso.”

**Dennis Okholm**, professor de teologia, departamento de Bíblia e teologia, Wheaton College

“Para aqueles que desejam uma apresentação teológica lúcida e profundamente ponderada em sua melhor forma, esse é o livro certo. Vanhoozer é um autor que deve ser lido por todos que estão em busca de sentido no cenário teológico atual.”

**Grant Osborne**, professor de Novo Testamento, Trinity Evangelical Divinity School, Trinity International University

# Sumário

|  |            |
|--|------------|
| <i>Agradecimentos</i> .....  | 7          |
| <i>Prefácio: Considerações iniciais</i> .....                        | 9          |
| 1. Teologia primeira   |            |
| <i>Meditações em um depósito de ferramentas pós-moderno</i> .....    | 15         |
| <b>PARTE UM: DEUS</b> .....  | <b>49</b>  |
| 2. A Trindade cabe na teologia das religiões?                        |            |
| <i>Sobre a pesca no Rubicão e a “identidade” de Deus</i> .....       | 51         |
| 3. O amor de Deus  |            |
| <i>Seu lugar, significado e função na teologia sistemática</i> ..... | 85         |
| 4. Chamado eficaz ou efeito de causalidade?                          |            |
| <i>Chamados, soberania e graça superveniente</i> .....               | 117        |
| <b>PARTE DOIS: ESCRITURA</b> .....                                   | <b>155</b> |
| 5. Os poderosos atos de fala divinos                                 |            |
| <i>A doutrina da Escritura hoje</i> .....                            | 157        |
| 6. Dos atos de fala aos atos da Escritura                            |            |
| <i>A aliança do discurso e o discurso da aliança</i> .....           | 199        |

|   |            |
|---|------------|
| <b>PARTE TRÊS: HERMENÊUTICA.....</b>  | <b>255</b> |
| 7. O espírito de entendimento<br><i>Revelação especial e hermenêutica geral .....</i>   | <i>257</i> |
| 8. O leitor junto ao poço<br><i>Resposta a João 4 .....</i>   | <i>295</i> |
| 9. A hermenêutica do testemunho “eu-testemunha”<br><i>João 21.20-24 e a morte do autor .....</i>  | <i>321</i> |
| 10. A perfuração do corpo, o sentido natural e a tarefa da interpretação<br>teológica<br><i>Uma homilia hermenêutica sobre João 19.34 .....</i> | <i>345</i> |
| 11. O mundo bem encenado?<br><i>Teologia, cultura e hermenêutica .....</i>  | <i>389</i> |
| 12. Os julgamentos da verdade<br><i>Missão, martírio e a epistemologia da cruz.....</i>   | <i>425</i> |

## CAPÍTULO 1

# *Teologia primeira*

### Meditações em um depósito de ferramentas pós-moderno

Quem deseja ser bem-sucedido, de acordo com o famoso comentário de Aristóteles, deve fazer as perguntas preliminares corretas. Qual é a pergunta preliminar correta quando se trata de teologia e do método teológico? Em especial, deve a teologia ter início com Deus ou com a Palavra de Deus? Será possível começar com uma ou com a outra?

Vários teólogos modernos devotaram energia considerável aos prolegômenos, ao que deve ser dito antes de lidar de maneira adequada com a teologia. Para eles era óbvio que a pergunta preliminar correta deveria envolver os prolegômenos. Afinal, o sucesso da ciência moderna parecia proceder do seu comprometimento com o método científico.<sup>3</sup> Com o eclipse da modernidade, no entanto, outros estão inclinados a responder à pergunta de Aristóteles de uma forma um pouco diferente.

Então, se tentarmos ser bem-sucedidos em sentido teológico, deve-se começar a falar de imediato a respeito de Deus, ou existe algo que se deva dizer de antemão? Em particular, o que vem primeiro: a doutrina a respeito de Deus ou a doutrina da Escritura? Por um lado, ao começar com Deus surge a questão: Como se pode obter conhecimento a respeito de Deus?,

---

<sup>3</sup> Não estou sugerindo que os teólogos modernos empregaram o método científico, apenas que eles procuraram algo análogo para a teologia. Para os sistematizadores isso não raro significou a adoção de um esquema conceitual (por exemplo, existencialismo, filosofia do processo) cujas categorias poderiam ser usadas como ferramentas analíticas para determinar o significado da Escritura ou da experiência humana (veja David Tracy, “Theological Method”, em *Christian Theology: An Introduction to its Traditions and Tasks*, eds. Peter C. Hodgson & Robert H. King, 2ª ed. [Philadelphia: Fortress, 1985], p. 35-60). Em estudos bíblicos, a abordagem científica é representada por vários métodos “críticos”.

como também iniciar pela Escritura suscita a pergunta: Por que *esse* texto em particular e não outro? Por outro lado, é difícil falar sobre Deus sem apelar para a Bíblia, como também é difícil tratar a Bíblia como Escritura sem apelar para Deus.

É precisamente por causa desse dilema aparente que Deus, a Escritura e a hermenêutica consistem em uma dificuldade única. Entretanto, a partir desse dilema surge uma nova possibilidade para prosseguir com a teologia além dos prolegômenos, um modo de falar de Deus que permite à matéria teológica influenciar o método teológico. Designo essa abordagem alternativa *teologia primeira*.

### FILOSOFIA PRIMEIRA

***Filosofia primeira na pré-modernidade: metafísica.*** Aristóteles sabia qual era a pergunta preliminar correta. Tratava-se da questão de “princípios primeiros”, a questão da natureza da realidade última: metafísica. A maior parte dos filósofos gregos concordou. Alguns disseram “tudo é água”; outros sugeriram “tudo é ar” ou “tudo é fogo”. Aristóteles, por sua vez, afirmou que tudo é “ser”. Devemos a ele várias categorias ainda usadas hoje para pensar sobre as coisas: substância, essência e existência.

Determinar a natureza da realidade era, portanto, o tema considerado mais importante pelo mundo antigo — sua “filosofia primeira”. Pode-se dizer bastante a respeito de um era por meio da identificação de sua filosofia primeira. De fato, uma forma rústica de fazer a distinção entre as eras pré-moderna, moderna e pós-moderna é precisamente com base em que cada uma considera sua filosofia primeira. Pois essas revoluções na filosofia primeira são sentidas muito além da própria filosofia. Elas reverberam na academia e sociedade e são, mais tarde, sentidas na igreja.

Não é surpreendente, então, dadas a estatura e influência de Aristóteles nos séculos XII e XIII, que vários teólogos medievais tenderam a fazer metafísica — ou no caso deles, a questão do “ser” de Deus — a teologia primeira.<sup>4</sup> Com certeza, a Escritura era uma fonte de teologia importante,

<sup>4</sup> Sem dúvida, isso é uma generalização. Pode-se defender também a prioridade da língua e da lógica na teologia medieval. Por exemplo: T. F. Torrance chama a atenção para a “paixão científica” — o amor ao rigor e à disciplina analítica — características de grande parte da teologia medieval (veja Torrance, *Theological Science* [Oxford: Oxford University Press, 1969], p. 56). Ainda assim, o ponto dessa análise era obter conhecimento da realidade divina. O movimento crítico estabelecido por Immanuel Kant — típico da modernidade, em que o conhecimento do que

até mesmo detentora de autoridade, mas não é a única. Teólogos como Tomás de Aquino criam na possibilidade de obter algum conhecimento a respeito da essência e existência de Deus (sobre a natureza do ser de Deus) apenas a partir da razão.

**Filosofia primeira na modernidade: epistemologia.** Tudo se altera com o advento da modernidade e do iluminismo. A questão candente na Era da Razão se torna a natureza e a possibilidade do conhecimento. Como posso conhecer? Como posso demonstrar que minha crença é algo mais que a mera opinião? Nesse ambiente crítico, as perguntas preliminares corretas não contam mais, e sim os *procedimentos* corretos. Essa mudança nas prioridades filosóficas pode ser vista no título completo do clássico de René Descartes, *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison, et chercher la vérité dans les sciences* [Discurso do método para bem conduzir a razão na busca da verdade dentro da ciência], obra que representa para muitas pessoas a epítome da busca da modernidade pelas fundações do conhecimento.<sup>5</sup> O que justifica as alegações de conhecimento de alguém não consiste mais no apelo a fontes detentoras de autoridade, mas sim o relato de como essa informação foi processada. Com relação a isso, o sucesso das ciências naturais é paradigmático; o método científico se tornou invejado também por outras disciplinas. O que importa para os modernos é a capacidade de justificar as crenças. Na sequência, o método sobrepuja a matéria, a epistemologia se sobrepõe à metafísica. Van Harvey, em *The Historian and the Believer* [O historiador e o crente], pronuncia-se a favor da modernidade quando alega ser *imoral* crer em qualquer coisa sem base em evidências suficientes.<sup>6</sup>

Harvey pensava em caráter primário nos historiadores, mas a mesma exigência se aplica a exegetas, teólogos, ou a qualquer outra pessoa na era moderna. Esse é o motivo, depois de 200 anos, ou quase, de muitos estudiosos se encontrarem ainda presos às questões “críticas” a respeito da confiabilidade da Bíblia. Os estudiosos que integram o chamado Jesus Seminar [Seminário sobre Jesus], por exemplo, apoiam-se no método

---

as coisas são em si mesmas é problematizado — não era sentido de forma tão aguda pelos teólogos medievais.

<sup>5</sup> Cf. J. Cottingham, ed., *The Cambridge Companion to Descartes* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986).

<sup>6</sup> Van Harvey, *The Historian and the Believer: The Morality of Historical Knowledge and Christian Belief* (New York: Macmillan, 1966).

# teologia primeira

## *Deus, Escritura e hermenêutica*

Este é um livro sobre Deus e hermenêutica. Ele é um apelo para sermos hermenêuticos quando se trata de teologia, e para sermos teológicos quando tratarmos da hermenêutica. De forma bem específica: trata-se de um argumento a respeito da importância de lidar com as questões que envolvem Deus, a Escritura e a hermenêutica como um único problema. Essa, admitidamente uma problemática complexa, define o que chamo de “teologia primeira”.

Engajar-se na hermenêutica teológica significa reconhecer a aplicação teológica específica do círculo hermenêutico celebrado: “Preciso crer a fim de entender, mas preciso entender a fim de crer”. A hermenêutica teológica reconhece que nossa doutrina a respeito de Deus afeta como interpretamos as Escrituras, e ao mesmo tempo reconhece que nossa interpretação da Escritura afeta nossa doutrina a respeito de Deus. Esse é necessariamente o caso quando a teologia é considerada a “interpretação bíblica centrada em Deus”.

**Kevin J. Vanhoozer** (Ph.D., Cambridge University) é professor de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School. Também atuou durante oito anos como professor de Teologia na Universidade de Edimburgo. É autor de *O drama da doutrina*, *Encenando o drama da doutrina*, *O pastor como teólogo público* e *A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo*, publicados por Vida Nova. É também autor de *Há um significado neste texto?* (Vida).



SHEDD  
PUBLICAÇÕES

literatura que edifica

ISBN 978-85-8038-050-7



9 788580 380507